

DIRECTOR POLITICO
JOÃO DE MATTOS

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

NO CONTINENTE:
Um anno..... 1\$600 réis
6 mezes..... 900
3 mezes..... 500
FORA DO CONTINENTE:
Um anno..... 2\$000 réis
6 mezes..... 1\$200

Editor—Mannel J. da Silveira

REDACTOR PRINCIPAL
JOSÉ SANCHES

O SUL

SEMANARIO REGENERADOR-LIBERAL

DIRECTOR LITTERARIO
JOÃO LUCIO

PUBLICAÇÕES E ANUNCIOS

Na 1.ª, 2.ª e 3.ª pagina—contracto especial.
Na 4.ª pagina, cada linha..... 20 réis.
Os srs. assignantes tem o abatimento de 25 por cento.
Não se restituem originaes

Redacção, administração e typographia
Rua de Santo Antonio, n.º 39

SECRETARIO DA REDACÇÃO
MANUEL CARLOS

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Tres annos passados sobre o vergonhoso feito electoral com que o sr. Netto affrontou os brios da honesta e cordata população do concelho de Faro, ainda ninguém esqueceu esse indigno e revoltante espectáculo que terminou por collocar á frente dos negocios do municipio, preterindo os ardentes desejos dos municipes e arrostando com a geral indignação de todo o concelho, a actual camara cuja incompetencia para o desempenho de tão difficil missão foi, desde logo, facilmente prevista.

Sem encontrar gente de respeitabilidade e bom criterio que estivesse á altura de bem desempenhar as funções de vereador municipal, o sr. governador civil dirigiu-se a vaidosos enfatuados, a ambiciosos vulgares, a inconscientes anonymos e a tudo quanto de inutil passeava por essa cidade, sem merecimentos intellectuaes ou moraes recommendaveis, e chamou-os para o seu partido, o unico que lhes permittiria uma evidencia injusta.

Com difficuldade recrutou o sr. Netto entre os seus partidarios, onde então, como hoje, não se encontravam nomes que podessem constituir uma vereação digna d'uma capital de districto, os individuos que, embora não reunissem em si as condições indispensaveis para desempenhar o elevado e espinhoso cargo de vereador, prestassem, comtudo, o seu nome para figurar como eleitos pelos municipes, quando na verdade só pelo arbitrio e pela violencia poderiam conquistar o logar que os eleitores reservavam para quem offerencia melhores garantias de boa administração.

Não queremos nem devemos estabelecer parallelos entre os nomes que o sr. Netto escolheu e aquelles que em outra lista se propunham disputar a eleição, no campo da legalidade, aos partidarios do governo.

O sr. João José da Silva Ferreira Netto conhecia-os bem, sabia, com tanta approximação da verdade, o prestigio e sympathia dos seus correctos e leaes adversarios que, desde logo, preparou as cousas para, por meio dos mais indecorosos processos, conseguir pela fraude o que a legalidade não lhe podia dar. Nada faltou. O abuso da força armada, a pratica das mais vis indignidades e tudo o mais que autoridades e aventureiros electoraes podem produzir seguros da impunidade, tudo se viu n'essa memoravel eleição que, em traços que não se apagarão jamais, marcou a figura politica do sr. Netto.

E agora, tres annos passados, acode perguntar:—o que fez essa vereação?

Essa vereação, producto da illegalidade, do arbitrio e da violencia, composta de vereadores que não tinham entre si o mutuo respeito que se deve entre pessoas de sociedade, e que escalarão a administração do municipio só com o fim de satisfazer vaidades e sem a noção altruista, indispensavel para dirigir gratuitamente e honestamen-

te os interesses collectivos, começou por conflictos internos em que uns disputavam a cadeira presidencial, outros a auctoridade e o mando, todos as honras e proveites.

Scenas, verdadeiramente edificantes, repetiam-se com frequencia nas sessões... Recriminações, insultos, ameaças, revelações escandalosas, tudo em plena sessão. E depois, cá fora, reproduziam—até os proprios vereadores—todo esse estendal de vergonhas deixando a perder de vista historias de taberna entre quadrilhas de bandoleiros.

Todos os annos se exhibia essa burlesca lucta da eleição presidencial. Nos dois primeiros foi o unico edil diplomado que conseguiu reunir os votos campestres e assim derrotar o seu apovonado adversario. Mas a consciencia elastica dos vereadores cedeu no ultimo anno e, votado ao ostracismo o diplomado, caiu a presidencia nas mãos de aquelle que com uma cynica tenacidade não cessara de trabalhar para se enfeitar com as pennas de pavão.

Elle tudo promettia, tudo jurava fazer. E para chegar até ali rastejou por toda a lama onde tem medrado a politica do sr. Netto.

Ao passo que isto se passava entre os dois gallos maiores, os restantes vereadores, em continuas disputas, amuavam-se, demittiam-se, descompunham-se, reconciliavam-se, voltavam... emfim: uma anarchia logicamente derivada da inhabilidade politica do sr. Netto e da falta de respeitabilidade do presidente da camara.

O que foi a administração municipal com taes edis ha de ser o assumpto de subsequentes artigos.

E' certo que infelizmente não se illudiram os eleitores do concelho nas suas pessimistas previsões quando viram sentar-se nas cadeiras camararias os nove partidarios do sr. Netto.

Echos

Noticia o *Seculo* que, segundo lhe consta, hoje ou segunda feira haverá reunião das maiorias na sala do conselho de Estado, a fim de lhes ser apresentado o programma governativo durante a futura sessão legislativa.

Não sei se estão a ver? O programma governativo... E reunem-se para isto as maiorias! Toda a gente sabe que o programma governativo do ministerio presidido pelo sr. Hintze dos Seraphins está ha muito discutido, votado e approved e que se resume n'estas tres palavras:— Governar a vidinha.

Sendo ministro da guerra Luiz Augusto Pimentel Pinto, sete officiaes do exercito portuguez foram mandados, com pingues ajudas de custo, ás corridas de cavallos de S. Sebastian.

Sem treno, com montadas incapazes, um dos officiaes cahiu do cavallo ao começarem as corridas e todos os outros são desclassificados aos primeiros saltos.

E aqui tem como sendo ministro da guerra Luiz Augusto Pimentel Pinto, uma *pimentelpintice*, que ultrapassa as fronteiras, expõe o exercito portuguez á irrisão de extranhos.

Como de costume, o partido progressista faz soar de *serra em serra* o seu grito de guerra *sem treguas* ao actual ministerio regenerador.

Como de costume, tambem, regeneradores e progressistas continuarão de braço dado a sua carreira... *rotativa*.

Já não pode illudir quem quer que seja a estafada comedia que os progressistas, de ha tempos a esta parte, resolveram pôr em scena no principio de cada sessão legislativa.

O publico que ouve esses gritos bellicos murmura enfastiado e incredulo:— Pois sim! Bem os conheço. Tudo como d'antes.

Dizem jornaes de Lisboa que a guerra contra os *cunhamas* não passa d'uma insensatez do actual ministro da marinha, a qual poderá expor a um lamentavel desastre o nosso exercito que tão gloriosos feitos tem praticado em Africa.

Então o que é isto, sr. Gorjão?!... Tenha juizo! Limite-se a falar do magno e das vergonhas... O *branco* não...

O «A serio e a rir» que hoje inserimos não é uma simples phantasia como muitos poderiam julgar. Baseia-se n'um facto verdadeiro.

Uga, indo provar a agua do antigo poço da Ribeira e não podendo deixar de confessar que as obras ali realisadas tinham tornado a agua absolutamente impotavel, exclamou apontando para o chafariz:— Mas isto está bom!

E' enorme a azafama que vai pelos diversos ministerios. A' ultima hora preparam-se atabalhoadamente as medidas e reformas que tem de ser apresentadas ao parlamento.

Os ministros fazem-nos assim lembrar os estudantes cabulas que só quando as *colicas* apertam se agarram ao verbo.

Oxalá d'esta vez sejam... *reprovados*.

Vai publicar-se mais um jornal algarvio. E' o que nos diz o nosso prezado collega a *Folha do Sul* na seguinte noticia:

«Dizem-nos que se pensa aqui na criação d'um jornal progressista, *não governamental*, cujo primeiro numero sahirá em janeiro proximo.

Mais nos dizem que o novo collega se intitulará — *Correio do Algarve*, — e será inspirado por um ex-ministro da corôa e distinctissimo parlamentar, que conta entre nós muitos e prestimosos amigos, alguns dos quaes se encontram, ha annos, afastados das luctas politicas.»

O nosso prezado collega o *Guadiana*, no seu n.º de 22 de setembro, termina o artigo principal — que trata das necessidades do nosso commercio d'exportação — com os seguintes períodos:

«Desnecessario será dizer que estas perguntas são pueris. Basta que nos lembremos de qual tem sido a preoccupação do sr. Hintze no actual consulado. Essa preoccupação, a unica que S. Ex.ª tem revelado em todos os actos da sua actual gerencia, é a consolidação do seu poder. Aniquilar o sr. João Franco e trazer contentes os amigos á custa de tudo, eis em que se resume a acção do actual presidente do conselho.

Boa orientação! Diz muito bem o collega. O peor é que o sr. Hintze, n'essa sua obra, tem effelizmente sido auxiliado e até apmparado pelos progressistas.

O novo jornal, que, segundo o nosso estimado collega a *Folha do Sul*, va brevemente apparecer em Loulé, será o orgão n.º 3 do partido progressista na nossa provincia.

Já estamos a ver-lhes andarem sempre em desharmonia e guerrearem-se como... *irmãos*. Muito havemos de rir.

Nesta cidade — capital do districto e sede do corpo da policia — apenas existe uma esquadra policia, que só tem um guarda e é *comandada* por um cabo.

Nestas condições, para nada ella serve, nem pode servir.

Pois como poderá satisfazer aos seus fins de soccorro aos cidadãos e acudir ás desordens e todas as mais necessidades que, dentro e fora da esquadra, reclamam a intervenção da policia? De forma nenhuma.

Allega-se a falta de pessoal. Mas então para que o licenciaram com tanta facilidade e para que o distraem tão prodigamente por todos os cantos da provincia, mercê da empenhoca e de intempestivas exigencias.

Ha muito que a opinião publica vem reclamando providencias, que não têm sido dadas... por não haver vagar para tanto.

Pois agora, o nosso inclito governador civil — não lhe bastando já para a *assombrosa* condução de seus telegrammas, os dois policiaes que, de dia e de noite, tem ao seu dispor — va estabelecer, nos baixos da casa de sua residencia, um reforço permanente de tres guardas, que não julga demais para todo o serviço.

Parece que a tal resolução não são estranhas as *perreices* do *gracil* automovel, que, sempre casmuíro, está disposto a fazer partida, logo que sente calor no ventre — o que toína, indispensavel ter ali á mão quem lhe cure as manhas e o faça andar *par diente*.

Si est veritas... achamos bem.

O tal José d'Azevedo Pacheco, que, ao mesmo tempo, é escrivão de fazenda em Loulé, administrador do concelho de Faro e commissario da policia civil do districto, querendo, á viva força, metter na corporação policia a *balla* rapaziada dos marmelleiros e não tendo mais vagas para preencher, lançou mão d'um habilidoso expediente.

Consiste elle em licenciar, por dois, tres ou seis mezes, os policiaes que desejem ir passear até á terra ou tratar de seus negocios particulares.

O vencimento do licenciado va então para qualquer *quidam* da aguerrida hoste louletana, que vem fazer de policia — umas vezes com fardamento emprestado e outras sem elle — até que as *obisas* se arranjem.

E' claro, tudo isto é feito com a approvação do conspicio chefe superior do districto. Oh da guarda!

Na ausencia do sr. conselheiro João Beirão, ficará exercendo as funções... *de* opposição progressista na camara dos deputados o sr. Ressoano Garcia.

Sua ex.ª dirigirá os trabalhos... *tocando trombone*...

Muito bom é ser primo... queridinho do sr. governador civil e... progressista-governamental de quatro costados.

Até as pedras choram enternecidas, vendo as provas de fúndia amizade que um ao outro dão!...

Até agora lá anicharam nas obras publicas o *Alcaicinho*.

O seu serviço na repartição limita-se a... photographar as moscas que incomodarem o somno dos empregados.

Bene est.

O *Guadiana*, commentando um *suelto* do *Jornal da Manhã* sobre pretendidas alianças partidarias para a eleição municipal de Villa Real de Santo Antonio, diz:

«E ainda o collega não sabe o melhor.

O chefe, a pedido de varias familias, de todo este movimento é o sr. Ferreira Netto que recebeu a *sincera* adhesão da casa Roldan de esta villa. Ora a casa Roldan, cujo chefe é franquista, em compensação recebe o santo e a senha d'uma certa pessoa das relações do nosso collega *O Sul*, de Faro; de maneira que... se fosse possível vencerem a eleição, tudo isto devia ser muito engraçado.

Felizmente o partido progressista livrará o sr. Netto d'esse mau boçado.»

Se tudo quanto o collega escreve for tão verdadeiro como a intervenção de pessoas das relações de *O Sul* no assumpto de que se trata podemos affirmar-lhe que está absolutamente na lua.

Nem percebemos onde quer chegar.

Diz-se que está assente que o sr. Aragão seja votado ás feras, não figurando na lista governamental da proxima eleição municipal de Faro.

O sr. Netto, depois de ter utilizado em todas as trapalhices e bambuchatas politicas as ruins habilidades do Pavão, resolveu depenal-o.

Triste sorte!...

Nos ultimos numeros do *Algarve e Alemtejo* já se depara com algumas locaes de opposição aos actos do governo.

Esta attitude *d'ultima hora* e depois do cavaco com o sr. Alpoim na Rede parece indicar que ha *mouro na costa*.

Mas então e a candidatura do sr. Visconde á presidencia da camara municipal de Faro com appoio do sr. Netto, governador civil regenerador?

Decididamente cada vez se percebe menos a habilidosa politica progressista do grupposinho do *Algarve e Alemtejo*.

CONSELHEIRO JOÃO FRANCO

Com sua ex.ª familia partiu na semana passada para a sua casa de Alcaide, onde se demora alguns dias, o nosso illustre e muito prezado chefe sr. conselheiro João Franco Castello Branco.

A serio e a rir

Isto está bom!...

Passámos n'um dos ultimos dias junto do chafariz «ou quer que seja» que substituiu o poço da Ribeira.

De «panamá» e collête branco o incomparavel Uga contemplava a sua obra genial, esse, flagrante monumento de quanto pode a tollice humana.

Feliz acaso!

Deparava-se-nos ali, a talho de foice, uma *interview* curiosissima, sensacional!

Iamos ouvir o grande homem no local onde feriu a sua «maior batalha», onde alcançou a sua maior victoria... *negativa*!

Estavamos com sorte!

Aproximamo-nos disfarçadamente e — a fingir que fallavamos com os nossos botões — dissemos:

— Que pena!

— Que pena o quê?!... — clama o Uga «irado e não fazendo».

— Que pena ver assim estragado o poço mais abundante da cidade!... —volvemos nós.

— Estragado!... — profere o Uga com a voz estrangulada pela raiva — Estragado... diz o senhor?!... Então isto não está bom?! — e apontava para o chafariz com ar triumphante.

— «Isso» estará bom... Mas a agua está má.

— Má?!... Quem se atreve a dizer semelhante coisa?!...

— Oh! versatilidade da opinião publica!... — brada o Uga erguendo as mãos ao ceu n'uma attitude tragica — Ah! Lafontaine!... Lafontaine!...

— E' melhor deixarmos o Lafontaine em paz.

— Pois deixemos... mas responda-me. Não é verdade que ha muito tempo andavam todos por ahi a gritar contra o que se dava com o poço da Ribeira?

— E' verdade.

— Toda a gente dizia que se lançava n'elle toda a especie de immundicies...

— Não ha duvida.

— Pedia-se ou não com insistencia para que o poço fosse coberto e que se lhe collocassem bombas?

— Pedia-se.

— Muito bem. Venho eu. Gasto só quatro contos de reis...

— S6?!...

— Satisfaço esse desejo geral e unanime tantas vezes manifestado. Faço o que está vendo. Isto está bom e... todos me censuram.

— Poderá!... se a agua está insupportavel!...

— Insupportavel?!... Pode lá ser!... Uma agua que é tirada por estas bombas... que corre n'um chafariz como este... que foi mandado fazer por mim!...

— Pois não ha nada mais certo. A agua não se pode beber.

— Admittamos que isso é verdade. Faço-lhe essa concessão. Ainda assim a minha obra não perde o seu valor.

— Essa agora!

— Se a agua é má o chafariz é bom. Está tudo compensado.

— Não comprehendo...

— Pois se não comprehendem não discuta! Irra!...

— Mas oiça lá sr. Uga...

— Não me chame Uga; ouviu? Pavão é que eu sou... ou quero dizer... Aragão é que eu sou.

— O que eu percebo muito bem é que estando a agua inutilizada o chafariz, como o sr. lhe chama, não serve para coisa alguma.

— Não serve?!... Ora essa! O sr. está cego?!... Olhe para ali e diga-me se isto não está bom.

— Já lhe affiancei que a agua se não pode beber.

— Pois que não a bebam.

— Qual é então o poço que substitui este? Na cidade não ha outro com tanta agua... os que existem são insufficientes...

— Com isso não tenho eu nada. Queriam que fizesse esta obra. Está feita. Isto está bom... e o resto não é comigo.

— Sempre lhe direi uma coisa sr. Pavão...

— Pavão!... Eu não sou Pavão!...

Uga é que eu me chamo... ou quero dizer... Aragão é que eu me chamo.

— Sempre lhe direi que era melhor que o poço tivesse ficado como estava.

— Parece impossivel que se profira semelhante barbaridade! A ignorancia é muito atrevida!

— D'antes a agua bebia-se...

— E agora não se bebe?

— Decerto que não.

— Então está tudo perfeitamente.

— Perfeitamente?!...

— Sim senhor; D'antes a agua bebia-se mas não havia chafariz. Agora ha chafariz mas a agua não se bebe. Fica uma coisa pela outra.

— Não insistimos. Os ouvidos zumbiam-nos. A phrase «Isto está bom» tantas vezes repetida resoava como se fosse um estranho bordão.

— Convencidos de que o Uga ensandecera ao ver o malôgro da sua obra recceámos o contagio.

— Deitámos a correr e pareceu-nos que elle nos seguia gritando incessantemente:

— Isto está bom! Isto está bom! Isto está bom!

O figo

Sabes tu, leitor amigo, quanto custará a suffocar durante trinta longos dias a mais «santa» das indignações?

Imaginas porventura, leitora gentil, que incomportavel supplicio será o d'um misero plúmifio a quem não é permitido lançar ao papel as vehementes palavras de protesto que lhe reservem na mente?

Ha quatro semanas—nada menos—que a minha «justa colera» se repreza ante esta cathégorica declaração do chefe da typographia: — «Não ha espaço.»

Foi o caso que um «talentoso manco», encoberto com o pseudonymo de «Mendo» e attrahido pela minha declaração de que os chronistas d'esta folha tinham desertado, nos veio timidamente oferecer uma ch...
Os citados chronistas continuavam ausentes. Não havia que hesitar. Aceitamos.

Sem ler os «linguados» que o «auspicioso jovem» nos entregava tremulo de commoção, mandamol-os para a typographia.

Mas—nem sei de nójo como o conte!—, impresso o jornal, preparavame para saborear a prosa do novel litterato e—oh! ceus!—o que hei de eu ler?!

Uma formidanda trepa que o «esperançoso menino» applicava disfarçada e finalmente n'este vovão humilde servo!...

Oh! raiva!... Oh! desespero!... N'esta mesma secção em que eu me revoltára contra o asphyxiante calor estival, «Mendo», um principiante, com requintes de lyriano e citações mythologicas, entoava hymnos em honra do «ardente Phebo e dos seus raios corruscantes»!

Era demais!... Ah! mas a vingança é o prazer dos deuses e hoje souo emfim a hora da minha «tremenda» desforra!

Não supponhas, leitora gentil, que vou accusar «Mendo» de ter plagiado a apothose da loura Ceres feita, ha tempo, pelo Ruy de Mendonça.

Não julgues que vou pedir-lhe para me explicar o que seja «o farto tapete velludino das leguminosas».

Não penses, tampouco, que venho dizer-lhe que se n'essa occasião os mihaeres resequidos com a espiga a avultar no cimo da cannoula desfolhada, lhe despertavam «magicas recordações», a mim apenas me lembravam enormes grandolas de foguetes esperando a passagem d'algum augusto personagem para estourarem nos ares.

Nada d'isso farei. Venho, simplesmente, lançar-lhe em rosto um imperdoavel esquecimento, que por si só annullaria o valor que possesse ter a sua chronica.

Rememorando, com resaios de regionalismo, o que mais se salienta no nosso bom Algarve durante o mez de agosto, «Mendo» deploravelmente olvidado um prestante producto agricola que a esse tempo começava a alourar-se nas esteiras do almeixar:

— O figo.

E quantas occasiões teve «Mendo» para se lembrar d'elle!

Ao evocar as canções populares entoadas pelas vindimadeiras não se recordou d'esses descantes que, nos «fumeiros», as raparigas fazem resoar emquanto vão enchendo as ceiras e as caixas que os navios mercantes conduzirão para longes terras?!

Quando falou na provisào hibernal do operario agricola algarvio não se lembrou de que boa parte d'ella é constituida pelo figo secco que «á hora da merenda a camponesa esbelta e robusta» tambem reparte «á porta do casal pelos filhitos lambasados e semi-nus que, sorrindo, se lhe dependuram das saias»?!

Sim, meus senhores, o figo tem jus ao nosso respeito e á nossa consideração—como diria um orador muito nosso conhecido.

Elle leva a bem remotos paizes o nome da nossa pittoresca provincia a que um escriptor humorista chamou já «O paiz do figo».

Quando visitares a capital, leitor amigo, e passando por um luxuoso armazem de viveres vires exposta na montra apparatusa uma caixa orlada de papel rendilhado tendo em grossos caracteres a designação de «Figos de Smyrna», attenta bem e reconhecerás, como já me aconteceu, que elles não passam de magnificos beberas algarvios. O merceiro alfacinha procedeu sem escrúpulos a essa anti-patriótica desna-

cionalisação tendo em vista que «ninguem é propheta na sua terra»...

Se até hoje não appareceu um vate que dedicasse um poema ao figo inspirando-se nos tons roseos da sua «milhã» saborosa, em compensação elle entrou aos dominios da arte fornecendo o titulo para a comedia: «Uns comem os figos...»

E de quantos contos, de quantas anedoctas o figo é «heroe»!... Aquella em que um amigo diz ao outro: — «De longe te trouxe um figo e assim que te vi comi-o!» e outras deveras engraçadas a que me não referirei por serem demasiadamente... picarescas.

«Passar as passas do Algarve» é uma phrase conhecida em todo o paiz a que deram origem os nossos figos passados.

Como esta outras locuções existem ainda. Hoje de manhã, ao almoço, o leitor viu na meza um manjar appetitoso e... «chamou-lhe um figo!».

Vê agora, leitor, se ao terminares a leitura desta chronica, enfurecido por teres assim malbaratado o teu precioso tempo, vens ter comigo e, depois de exerceres cruezs represalias, exclamas com ares de pimpão:

— Ficou feito n'um figo!

ARMANDO RIO-SECCO.

Ensaio Sociologico

Uma base scientifica da moral

Como podemos nós conhecer nossos deveres no meio da extraordinaria confusão de ideias moraes que caracterizam o nosso tempo? Devem-se louvar ou condemnar patriotismo, a familia, a propriedade particular, a tolerancia? Na presença de estes e muitos outros problemas taes, a consciencia hesita e perturba-se, o scepticismo augmenta. Esta incerteza de pratica tem contribuido como causa principal para a confusão e anarchia que prevalecem no dominio da moral especulativa.

Ha crescente, e, no todo, esforço louvavel para acharmos uma base scientifica á moral. Tem inabitavelmente havido algum progresso: o velho problema theologico da natureza do bem absoluto está quasi abandonado; a moralidade apparece-nos como um facto, como um facto natural, que devemos determinar, não de condições a priori, mas de um estudo de origens e desenvolvimento— um problema capaz de ser resolvido exclusivamente por meio do methodo experimental. Mas este facto, em vez de ser tomado em sua inteireza tal como é apresentado pela experiencia, tem sido mutilado e indistinctamente mal applicado para se adoptar ás necessidades de algumas hypotheses gratuitas. E' este um erro a que não tem escapado os moralistas da escola sociologica, nem até mesmo Herbert Spencer.

Os sociologistas declaram que a moralidade, um facto natural, é a um tempo um facto social. Certamente andariam mais correctos se por aquillo quizessem significar que a moralidade foi exclusivamente organisação devido á existencia da sociedade, de que é até certo ponto um producto; e que o progresso moral está indissolvelmente ligado ao progresso social (que elle marcha de commum accordo por assim dizer com o progresso social, tanto quanto o progresso social se combina com o progresso moral). Porém estão longe da verdade quando pretendem identificar a moralidade com a sociabilidade, o progresso moral com o progresso na organisação social. Esta identificação baseia-se sobre a analogia geral entre sociedades e organismos.

Assim como por meio da evolução nas series zoologicas chegamos á noção de consciencia individual, assim, segundo a analogia, deduzimos uma especie de consciencia social. Segundo os sociologistas, a moralidade é só socialidade, o producto do senso social, pertencendo inteiramente ao sentimento de solidariedade; e o progresso moral é só o lado interno e subjectivo do progresso do organismo social. A moralidade individual é absorvida pelo ar, ao menos, inteiramente subordinada á moralidade social em que tem origem. Tal é a doutrina que os sociologistas nos apresentam como a verdadeira e fiel expressão dos factos.

Mas está provado que a moral individual tenha o seu principio e origem na moral social? Não mostra a historia da humanidade, pelo contrario, que a aspiração da perfectibilidade pessoal pode ser inteiramente independente de todo o estimulo de ordem social?

Não nos ensina que o progresso da moral individual tem frequentemente caminhado na vanguarda, e preparado terreno para o progresso da sociedade?

Mas, alem disso, a analogia biologica em que se apoia a theoria dos sociologistas tem provado não poder sustentar-se.

Deparamos uma serie de factos de orden especial, que têm a sua condição commum na existencia do homem em sociedade, e que se podem classificar como factos sociaes; taes são os factos economicos, politicos, scientificos, estheticos, religiosos e moraes. Diferindo estes factos vastamente, a sociologia deveria investigar as suas relações, deveria evidenciar a conexão entre elles.

Contudo ella tem-nos confundido, e tornou quasi impossivel o seu estudo. A moralidade, como arte ou sciencia, deve distinguir-se cuidadosamente da organisação social que ella acompanha, pelo menos tanto quanto é acompanhada por aquella. O progresso social é uma cousa, e o progresso moral é outra, quasi tanto quanto o é o progresso scientifico, ou o progresso esthetico.

Estes ultimos certamente poderiam estudar-se por si e separadamente, a despeito da manifesta correlação que elles têm com o progresso social; e dá-se o mesmo com o progresso moral.

CHRONICA ELEGANTE

Aniversarios

Fazem annos:

No dia 3 a sr.^a D. Maria Alexandrina de Figueiredo e Mello e o sr. Antonio Maria Rebello Neves.

— No dia 5 a sr.^a D. Anna Freire Pires.

— No dia 7 a sr.^a D. Luna Amram.

Partidas e chegadas
No dia 27 retirou de Tavira para Lisboa o deputado sr. tenente-coronel Pereira e Vasconcellos.

— No mesmo dia regressou de Lisboa o sr. dr. Antonio Celorico Caetano Gil.

— Na passada semana chegou a esta cidade, vindo de Cachopo onde esteve veraneando, o sr. Antonio Rebello Neves.

— Terça feira regressou de Aljezur o sr. José Calazans Duarte.

— Em visita a seu filho e nora, partiu quarta-feira para a praia da Rocha a sr.^a D. Anna Barrot.

— Já regressou de Lisboa o capitão sr. Pires Viegas.

— Encontra-se em Faro o sr. João Frederico Tavares Bello, dignissimo inspector de fazenda.

— Terça feira partiu para Lisboa, acompanhado por sua ex.^{ma} familia, o sr. Pereira Madeira, de Olhão.

— Já partiram para a capital os srs. dr. Joaquim Tello, de Lagos, e deputado Lourenço Cayolla.

— Com sua ex.^{ma} familia, regressou de Monchique o digno delegado do thesourço n'este districto sr. Francisco de Paula Abreu Marques.

— Com demora de poucos dias, partiu para Lisboa no dia 24 o sargento cadete de cavallaria 24 sr. João Carlos de Mendonça, de Olhão.

— No dia 25 partiram para Lisboa os srs. Modesto Gomez Reys, Bento Rual e capitão Ortigão Peres.

— O sr. capitão-tenente Borja de Araujo partiu no dia 26 para Lisboa.

— No dia 27 seguiu para a capital o sr. Antonio Cyrillo Tavares Bello, que regressa hoje.

— O sr. Alexandre de Sousa Figueiredo e Mello regressou domingo das Caldas da Rainha, onde foi visitar sua ex.^{ma} cunhada.

— Sabbado regressou da Praia da Rocha o sr. dr. Joaquim Rodrigues Davim.

— No dia 27 chegaram da capital os srs. Evaristo Penteado e 2.^o tenente da armada Manuel Alberto Soares, que felizmente está melhor da doença de olhos que o acometteu.

— No dia 27 seguiu para Villa Real com sua esposa, o contador d'aquella comarca sr. Antonio Pedro Leiria.

— Depois de permanecer algum tempo na sua propriedade nos suburbios de Faro, partiu para Olhão com sua esposa no dia 26 o sr. Francisco Xavier de Mendonça.

Enfermos
Continua melhorando o sr. Jayme Arthur de Castro Barrot.

— Está em via de completo restabelecimento o sr. Manuel Rosa de Sousa Dourado.

— A menina Theodorina Figueiredo, muito querida filha do sr. Alexandre de Sousa Figueiredo, está felizmente melhor de seus padecimentos.

— Ultimamente tem passado incommodada de saude a sr.^a D. Sol Amram, que foi a mudança d'ares para Estoy.

— Está melhor a sr.^a D. Rachel Sequeira, que tambem se encontra actualmente em Estoy.

— Tem passado bastante incommodada de saude a sr.^a D. Guilhermina Z. da Matta Coelho, filha do sr. José Theodoro de Almeida Coelho.

SECCÃO LITTERARIA TEM DÓ DE TI...

Vestiu-te d'ouro e luz o meu amor,
E d'elle andas doirada
Como, após a noite, a terra em flor
Do sol da madrugada...

Quando entre as mais tu passas pela rua,
Põe-te luar nos passos!
Dá-te estrellas á fronte calma e nua!
E vê-te azas nos braços!

E se em ti penso, a minha saudade
Dá-te um aspecto ethereo:
Surges-me então envolta em claridade,
Banhada de mysterio...

Mas fozes algum dia me nos para
E tu, que és um clarão,
Apagado este amor que em ti fulgura,
Serias escuridã!

Tombasses d'essa altura, e o meu amor
Voava num momento,
Perfume ethereo abandonando a flor
Profanada pelo vento...

Ah se um dia por outro amor trocasses
O meu amor ardente,
Não tenhas dó de mim, por me deixasses...
Tem de ti, sómente!

E eu teria de ti, como poeta,
Tambem immenso dó,
Por te ver desdoirada, ó borboleta
D'azas d'ouro em pó...

Eu, que te adoro, sentiria, ao ver-te
D'outro amor possuida,
Não já a dor, a magoa de perder-te,
Mas de te ver perdida!

Sem a luz d'este amor, vestida embora
De sedas iriaes,
Serias (ai de ti! ai d'essa aurora!)
Só bella como as mais...

Sem a luz d'este amor, onde o desejo
E' a aza que o eleva,
Não eras, não, a que entre as mais só vejo,
Visão d'astros na treva...

Desamada, fespida d'essa graça,
Serias, visão querida,
A mulher seda e carne, que ahi passa,
Na turba confundida...

Essa gloria, então? Desfeita e finda,
Luz que o vento apagou...
Ah conserva este amor, que assim te alinda
Tem dó de ti, tem dó...

BERNARDO DE PASSOS.

ESPONSAES NO AZUL

A JOÃO DE MENEZES

Longe do mundo e longe da desdita,
o poeta scismava. No occidente,
com seu manto doirado e resplendente
o Sol rolava, numa paz bemdita.

No clarão, em que a sós seus olhos fita,
como que avulta a fronte auri-luzente
da noiva, que anteviu, num estro ardente,
— fôrma e desejo da sua alma afficta.

De subito, num grito de anciedade,
quando o veu da penumbra e da saudade
tocou do ceo na abobada azulada...

o poeta exclamou, cheio de sonho:
«Nesse paiz suavissimo e risonho
é que eu hei de esposar-te, minha amada!»

A GAVOTA

AO DR. MIGUEL PEREIRA DA SILVA

Passa-me o rio em frente da janella.
Muita vez, ao luar, noites de rosa,
vejo boiando uma gavota anciosa
sobre a corrente murmura, singela.

E' sempre a mesma. E' uma delicia vel-a;
e tanto me entretém,— voluptuosa,
que chego, nesta vida trabalhosa,
quando ella falta, a ter saudades d'ella.

Pois que, vendo-a passar boiando e mansa,
sinto-me alegre; e occorrem-me á lembrança
as conquistas, a lyra, a morbidez,

d'um trovador ditoso, fluctuando,
pelos canaes, em gondola, cantando,
nas amorosas noites de Vereza.

(Dos VERSOS DA MOÇIDADE)

ANTONIO FOCAL.

CARTA DA ROCHA

Preparam-se que, d'esta vez, tenho assumpto de sensação! Deem ao miolo as voltas que quizerem mas, creiam, não atinam, não desconfiam sequer o que possa ser...

— Mas, e a policia?... — Ora, Ora!... cantigas... com geitinho tudo se arranja, com geitinho tudo se faz... como diz a cançoneta...

Elles nem sabem pegar n'uma navalha... Qual?!... nem mesmo riscar... a respeito de fadistic, não pescam nem patavina!

PABLAMENTO Com o cerimonial do costume teve logar na quinta-feira a abertura da nova sessão legislativa. No discurso da corôa mencionam-se as seguintes propostas que serão submettidas ao parlamento: novo contracto com a companhia dos tabacos; remodelação do systema monetario; imposto de importação do pescado; credito agricola; reforma de instrução secundaria; hospitalisação; organização dos corpos de policia; mais rapida e economica acção judicial; subsidios a officias; criação d'uma repartição de agricultura na direcção geral do ultramar, etc.

Teem continuado a ser applaudidos os trabalhos da familia Blondin, especialmente os bailados pelas srs. Trinidad e Izabel. Ante-hontem estreou-se a «Feira de Sevilha» que ainda não fora exhibida em Faro e que bastante agradou despertando geral hilaridade.

PRINCIPIO DE INCENDIO

Segunda-feira, pelas duas horas e meia da tarde, houve um começo de incendio na casa de residencia da sr.ª D. Anna Carolina Freire Pires, sita na rua Philippe Alistão, d'esta cidade.

Ferros Curtos

Vai ao poço o Aragoão... (Musica da canção popular «Margarida vai d fonte»)

Necrologia

Em Olhão falleceu terça feira o sr. Joaquim Vinhas Reis, irmão muito estimado do escrivão-notario d'aquella comarca sr. Antonio Vinhas Reis e sobrinho do rev. padre sr. João de Mendonça Vinhas.

AGRADECIMENTO

Dos srs. Pinheiro e Sousa recebemos a seguinte carta: ... Redacção de O Sul

ESPECTACULOS

CIRCO CONTINENTAL Mais cinco espectaculos tem realiado a companhia Blondin depois da appareição do nosso ultimo numero.

POBRESINHOS

Com este titulo recebemos uns formosos e inspirados versos do dr. Rodrigues Davim, essa bella alma de poeta, os quaes por falta de espaço não podemos reproduzir.

Terreno para construcções

VENDE-SE terreno para construcções na Avenida de Santo Antonio. Quem pretender comprar, dirija-se á Praça D. Francisco Gomes, n.º 5.

NOTICIAS

O capitão de infantaria sr. Pires Viegas foi collocado na disponibilidade. — A sr.ª D. Laurinda da Assumpção Frias de Barros e sua filha foi, pelo Monte-Pio Official concedida a pensão annual de 265\$320 reis.

Petroleo

Vende-se: Americano 3\$350 Russo 3\$300 Qualidades garantidas.

Ourivesaria e relojoaria Aguas

Este estabelecimento, que se pode considerar o melhor e mais bem fornecido da provincia, teve de ser ampliado devido a clientella sempre crescente que a elle tem affluído em resultado dos preços verdadeiramente milagrosos por que vende ouro, prata, brilhantes e todos os outros artigos concernentes á sua industria.

Neste mesmo estabelecimento se fazem todos os concertos em ouro e prata por preços verdadeiramente módicos e todas as transacções são feitas com a mais possível seriedade, notando-se que o ouro e prata que vende são da nova lei, o que equivale a dizer que são do melhor que ha.

Tambem se fornecem os revendedores de toda a provincia com abatimentos consideraveis.

FARO



FRANCISCO DAMASO TAVARES BELLO JUNIOR

AVALIADOR D'OURO E PRATA NA COMARCA DE FARO

PELA CASA DA MOEDA

Rua D. Francisco Gomes, n.º 15 a 10.

FARO

GRANDE LOTERIA DO NATAL

Extracção a 22 de Dezembro de 1904

PREMIOS 1 de 150.000\$000 — 1 de 30.000\$000 — 1 de 10.000\$000 — 1 de 4.000\$000 — 1 de 2.000\$000 — 2 de 1.000\$000 — 10 de 400\$000 — 10 de 300\$000 — 30 de 200\$000 — 533 de 120\$000 — 2 approximações ao premio maior a 750\$000 — 2 ditas ao segundo dito a 420\$000 — 2 ditas ao terceiro dito a 300\$000 — 9 ditas á dezena do premio maior a 150\$000 — 9 ditas á dezena do segundo dito a 150\$000 — 9 ditas á dezena do terceiro dito a 140\$000 — 71 premios a todos os numeros que terminarem na mesma unidade e dezena do primeiro premio a 140\$000.

BILHETES a 60\$000 — meios a 30\$000 — quartos a 15\$000 — quintos a 12\$000 — decimos a 6\$000 — vigesimos a 3\$000 — Dezenas: 10 numeros seguidos de Bilhetes a 600\$000 — meios a 300\$000 — quartos a 150\$000 — quintos a 120\$000 — decimos a 60\$000 — vigesimos a 30\$000 — Fracções de 2\$100 — 1\$600 — 1\$050 — 540 — 330 — 220 — 110 — e 600 reis. Para a provincia e Ultramar accresce o porte do correio — Descontos para os revendedores.

Todos os pedidos são satisfeitos na volta do correio não só para esta lotaria como para todas as outras ordinarias que se realizem no decorrer do anno.

Esta casa compra e vende dos melhores preços do mercado e ás melhores cotações do dia:

Papeis de Credito: accões e obrigações de Banco e Companhias e todos os papeis negociativos em Bolsa.

Fundos Publicos: Inscrições de assentamento e de coupon, obrigações de 1.ª, 2.ª, e 3.ª serie externas.

Cambios: Libras, ouro portuguez, notas e moedas estrangeiras; cheques ou letras á vista ou a 90 d sobre qualquer praça estrangeira.

Oparações de Bolsa: Encarrega-se esta casa de negociar na Bolsa de Lisboa, Madrid, Paris ou Londres quaesquer papeis, facilitando a prompta e rapida liquidação mediante pequeno beneficio.

Dirigir ao Cambista

José Rodrigues Testa

74, Rua do Arsenal 78 — 136, Rua dos Capellistas 140

LISBOA



SINGER

AS MELHORES MACHINAS PARA COSER

AS MAIS PERFEITAS E AS MAIS PROCURADAS EM TODOS OS MERCADOS

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES

GRANDE DESCONTO A DINHEIRO

Succursal: — Rua D. Francisco Gomes, 33

FARO

SUCCURSAL

DA

Drogaria Peninsular

18 - Rua D. Francisco Gomes - 22

FARO

DROGAS, TINTAS, OLEOS, VERNIZES, PINCEIS, ESPONJAS, PERFUMARIAS, QUINQUILHARIAS, FERRAGENS, LOUÇA DE FERRO ESMALTADO, OLEADOS, LIVROS EM BRANCO, PAPEL, ARTIGOS PARA ESCRITORIO, PAPEIS PARA FORRAR CASAS, VIDROS, CRYSTALS

E LOUÇAS DE DIVERSAS FABRICAS

Productos chimicos e medicinaes

CIMENTO PORTLAND, ENXOFRE, SULFATO DE COBRE

Depositos: — Rua Azevedo Coutinho, 19 a 27

DAVID SABATH

BILHAR

Vende-se um que se encontra no Club Primeiro de Dezembro de S. Braz d'Alportel.

Quem pretender deve dirigir-se á commissão administrativa do mesmo Club.

MANUEL CARLOS

SOLICITADOR FORENSE

FARO

Alexandre Pereira d'Assis

Dá consultas no dispensario das 10 ás 11 da manhã

6 no seu consultorio, rua Sorpa Pinto, antiga rua da Cadela, 33, da 1 ás 2 horas da tarde
FARO

El-rei D. Miguel

Grandioso romance historico

POR

FAUSTINO DA FONSECA

Bella edição em formato elegante, illustrada com muitos retratos, vistas, quadros celebres, etc. etc.

Alguns titulos de episodios de que se compõe este romance

Revolta absolutista de 1823 conhecida por **Villa Franca**; entrada do rei em Lisboa, **puchado por fidalgos e officiaes do exercito**; intrigas da rainha e seu **viver dissoluto**; abolição da constituição e **perseguição aos constitucionaes**; tentativa de **desenterrar e queimar o cadaver** de Fernandes Thomaz; **exilio de Almeida Garrett**; **assassinio do Marquez de Loulé**; **D. João VI** preso por **D. Miguel**; perseguições e prisões effectuadas pessoalmente por **D. Miguel**; **facanhas dos seus intimos**; exilio do infante por ordem de seu pai; suas **desordens em Paris**; conflicto por causa de uma **capellista**; morte do seu cão de fila, morte de **D. João VI**, **suspeita de envenenamento**; **D. Miguel jura a carta**, desposa-se com **D. Maria II** e volta a Portugal onde confirma o seu juramento; manifestações absolutistas conhecidas por **o Rei chegou**; **violenças dos caceteiros** contra os liberaes; **execução dos leutes** de Coimbra em Condeixa, pelos estudantes filiados n'uma **associação secreta**; **revolução constitucional do Porto** em 18 de maio de 1828, contra o restabelecimento do absolutismo; combates entre absolutistas e liberaes, o **Terror**, **alçadas**, **devassas e forcas**; **exilio de Alexandre Herculano**; conquista da **Ilha da Madeira**, junta liberal na **Ilha Terceira**; **revoltas liberaes em Lisboa** suffocadas; conquista das **Ilhas de S. Miguel, S. Jorge, Graciosa, Pico, Flores e Corvo** pelos liberaes reunidos na ilha Terceira; **desembarque dos libertadores no Mindello e entrada no Porto**; **Cerejo do Porto**, pelas tropas miguelistas; **expedição dos liberaes ao Algarve e entrada em Lisboa em 24 de julho de 1833**; **morticínio dos presos liberaes em Extremoz**; generalisação da guerra civil; **derrota final** dos absolutistas na batalha da **Asselleira**; **convenção de Evora Monte**; abolição das **ordens religiosas**; **saída de D. Miguel para o exilio**.

Um fasciulo semanal de 16 paginas 40 réis
Tomo de 80 pag. 200 réis

Recebem-se assignaturas na livraria editora GUMARAES & C.ª, rua de S. Roque, 108, LISBOA, e nos seus agentes da provincia, ilhas, etc.

FABRICA DE LICORES

DO

SEculo XX

A. JUDGE & C.ª

Portimão

Os unicos licores de fabricação nacional que rivalisam com as melhores marcas estrangeiras.

ENVIAM-SE TABELLAS

Officina de canteiro e escultura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria; jazigos, campas, ornamentos, espedios, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc., etc.

LARGO DO GARMO — FARO

VENDE-SE

Um predio em Olhão fronteiro ao mercado do peixe, que consta d'armazem com altos.

Quem pretender dirija-se a José Rodrigues Portuguez — Olhão.

Abraham d' Abeasis Sabath

ARMAZEM DE MERCEARIAS
LOUÇAS E VIDROS

RUA D. FRANCISCO GOMES, 30 A 34

FARO

A esta casa acaba de chegar um enorme sortido de mercearias de optimas qualidades, taes como: — Assucares magnificos; excellentes manteigas; especialidades em chás e cafés; arroz de todas as qualidades; bacalhau; finissimas bolachas; chocolates; queijos de qualidades garantidas; sopas, massas, conservas, carnes secas de proveniencias acreditadas, passas de Malaga, fructas cobertas, caldos, vinhos finos, licores, cereaes, sabão, stearina, gomma, papelaria, artigos de escriptorio, etc., etc.

Grande variedade de lindissimas cartonagens com bonbons, fructas, etc., proprias para brindes.

Completa liquidação de todas as louças e vidros, existentes n'este estabelecimento.

OURIVESARIA TAVARES BELLO & FILHO

OURIVES FABRICANTES

RUA D. FRANCISCO GOMES, N.º 15 A 19 — Faro

CASA FUNDADA EM 1830

N'este estabelecimento, que é o mais antigo do Algarve, encontra-se um variadissimo sortimento de objectos d'ouro, prata e pedras preciosas, que se vendem por preços sem competencia, fazendo-se grande desconto aos revendedores. Tambem se vende ouro e prata para bordar e galões para militares.

HA TAMBEM UM GRANDE DEPOSITO DE INSTRUMENTOS

D'OPTICA E ELECTRICIDADE

Oculos, lunetas, binoculos, lupas, microscopios, lentes em todos tamanhos, campainhas electricas, pilhas de todos os sistemas, sacos para as ditas, isoladôras, fios, botões, peras, avisadôras secretas, pygrometros, barometros, thermometros clinicos, e para banho, areometros, peza saes, acidos, vinhos, mostos, licores, alcool, azeite, laccometros, etc. etc. etc.

Na officina, que é contigua ao estabelecimento, fabricam-se e concertam-se todos os objectos pertencentes a ourivesaria; galvanisam-se a ouro e prata todos es metaes, assim como se concertam oculos, lunetas, e binoculos, etc. etc.

TAVARES NAYANEZA

DE

Maya & Trigo

23 — RUA D. FRANCISCO GOMES — 23

FARO

Tabacos nacionaes e estrangeiros, papelaria e artigos para escriptorio, livraria, romances francezes, portuguezes e livros para instrução primaria e secundaria.

Tem egualmente perfumarias nacionaes e estrangeiras e grande sortimento de sabonetes inglezes, francezes e nacionaes e outros artigos, como carteiras, boquilhas, escovas, pentes, etc. Uma grande colleção de bilhetes postaes illustrados estrangeiros e nacionaes. Vinhos de Collares, Porto, Madeira, Champagne, etc. Bebidas estrangeiras, — Chartreuse, Curaçau, Cognac, Benedictine e outras.

Encarregando-se de mandar vir qualquer encomenda de Lisboa, Porto ou do Estrangeiro.

PREÇOS REDUZIDOS

CORTIÇA

Vende-se para armazões de atum na fabrica do sr. Abraham Amram.

FARO

ADVOGADO

PATRICIO JUDICE

ESCRITORIO

90, Rua d'El-Rei, 90

(Valgo Rua dos Capellistas)

LISBOA

CAFÉ ESMERALDA

Praça D. Francisco Gomes, 7, 8.

FARO

O proprietario d'este conhecido e acreditado estabelecimento, acaba de receber um bom sortido de optimo e escolhido Vinho de Bucellas Hock, que vende a retalho, e de bello Vinho Collares F. C. que vende em garrafas.

Tambem tem boa Cerveja ingleza Bass Pale ale, Stout, Pilsener allemã e Pilsener portuguesa engarrafada e a copo, (60 reis cada).

Ninguem compre senão n'este estabelecimento.

PORTIMÃO

VENDE-SE ou aluga-se uma morada de casas com rez-do-chão e andar-nobre, extenso quintal com poço de agua fina, situada ao norte da villa, rua de João de Deus n.º 27.

E' de construção recente e tem commodidades para familia de tratamento.

Trata-se do ajuste com o proprietario residente n'esta villa.

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURA ORDINARIA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR. — Anno, 8\$000 réis; semestre, 4\$000 réis; trimestre, 2\$000 réis. — BRAZIL. — Anno, 52\$000 réis fracos; semestre, 30\$000 réis fracos. — TERRITORIO DA UNIAO POSTAL. — Anno, 10\$500 réis; semestre, 5\$500 réis.

Pedidos á administração d'O Seculo. Lisboa.

João Lucio

ADVOGADO

Consultas

EM FARO

ás quartas e sextas feiras

Escriptorio — Rua Primeiro de Dezembro 9, 1.ª

Em Olhão

nos restantes dias

Escriptorio — Rua do Rosario.

COZINHA E COPA

O mais desenvolvido e completo manual é o TRATADO COMPLETO DE COZINHA, por Carlos Bento da Maia, conceituado auctor dos Elementos d'Arte Culinaria, (obra esgotada).

O TRATADO COMPLETO DE COZINHA em publicação, é illustrado profusamente, e o preço da assignatura de 40 réis semanais, por caderneta, ou 200 réis mensaes por tomo de 5 cadernetas.

Peçam prospectos e cadernetas specimen á Livraria GUMARAES & C.ª — 108, Rua de S. Roque — Lisboa.

Artisticos Retratos a crayon

FIDELIDADE DE COPIA

Preços desde 3.000 reis.

Augusto Eduardo de Moura Veiga

RUA SERPA PINTO N.º 134

FARO